



“Festival da Barranca: A Tradição do Nativismo¹”

Eduarda Caterine Belmonte PINTO²

Fabielle Piazer ZEMOLIN³

Guilherme Jacques PADÃO⁴

Jéssica Coró SOMAVILLA⁵

Alexandre Rossato AUGUSTI⁶

Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

Resumo

O festival da Barranca é um dos festivais de música mais relevantes do estado do Rio Grande do Sul. Realizado todos os anos durante a semana santa, na cidade de São Borja, que faz fronteira com Santo Tomé, na Argentina, visa enfatizar a produção de cultura através de diversas formas de arte, dando destaque à música. Pensando nesses aspectos, e em desvendar histórias sobre o festival, produziu-se o radiodocumentário: “Festival da Barranca: A Tradição do Nativismo”, com a finalidade de descobrir novos fatos sobre o evento.

Palavras-chave: festival da Barranca; radiodocumentário; música nativista

1 Introdução

O festival da Barranca, evento que é realizado desde 1972, durante a semana santa, na cidade fronteira São Borja no Rio Grande do Sul, reúne artistas de todos os estilos e regiões do Brasil e exterior para produzir cultura através da música. Pensando nesse aspecto, e por não se ter nenhum registro que revele tantas apreciações sobre o festival da Barranca, o grupo pensou em desenvolver um radiodocumentário⁷ que colocasse em evidência a real história do festival, e que buscasse enfatizar a história de alguns artistas que já participaram ou participam da barranca.

¹Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade, Documentário Jornalístico e Grande Reportagem em áudio e rádio.

²Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da Unipampa, email: cbp.eduarda@gmail.com

³Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da Unipampa, email: fabiellez30@gmail.com

⁴Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da Unipampa, email: guilherme_padão@hotmail.com

⁵Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da Unipampa, email: jessicacorosomavilla24@gmail.com

⁶Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Unipampa, email: araugusti@gmail.com

⁷Áudio disponível em: <https://soundcloud.com/fabielle-piazer-zemolin/radiodocumentario-festival-da-barranca>



Até hoje não se sabe ao certo quem teve a ideia de criar o festival, há quem diga que foi um espírito. O músico e barranqueiro Luiz Sérgio Metz, o Jacaré (*in memoriam*), definiu a barranca como um “Comício de Espíritos”. Outra lenda, sobre o espírito do índio Angüera, também é relacionada ao festival.

De acordo com a lenda, antes triste e calado, ele se tornou alegre e cantador, após os padres jesuítas o batizarem com o nome de Generoso. E assim, a partir destas histórias, o festival da Barranca nasce, rodeado de mistério.

No evento só participam convidados. Estes devem receber o convite do grupo de música nativista samborjense Os Angüeras, e devem ser homens. A única restrição da Barranca é de que mulheres não podem prestigiar o encontro. O festival inicia na quarta-feira da semana santa, com a recepção dos confrades em uma fazenda no interior do município, geralmente situada à beira do rio Uruguai, e seu término é no sábado. Lá os artistas se reúnem com o intuito de fazer arte e novas amizades, sem deixar de preservar as antigas.

Na sexta-feira à noite, os artistas convidados recebem um tema dos jurados para comporem uma canção, e estes têm 24 horas para apresentarem a letra pronta no sábado, durante a apresentação dessas canções. No acampamento, os barranqueiros têm computadores e impressoras a sua disposição, para que possam fazer a digitalização e impressão das músicas.

Além de músicas, os convidados também podem compor poemas, poesias, e expor livros e fotografias. São cerca de 300 participantes todos os anos, e uma das particularidades se dá com a culinária. Já chegaram a ser consumidos 800 ovos por dia. O peixe dourado é qualificado como o prato principal. São reservados cerca de 350 quilos. O churrasco campeiro, assado na vala, também não poderia faltar.

O festival possui o seu próprio armazém, o típico “bolicho”, como é chamado no Rio Grande do Sul. Lá é possível encontrar, além das bebidas, CDs e camisetas. A moeda vigente é o Manduca, nome de um dos fundadores do evento.

Na Barranca os ganhadores são premiados com os seguintes troféus:

- Cigarra de Acampamento: para aquele que canta mais e diverte a turma;
- O Comendador: ao amigo que alcançar um alto grau alcoólico, porém sem ser qualificado como um “borracho” chato;
- Troféu Quá Quá: premia a música irreverente e com humor;



- Troféu Sérgio Jacaré: à melhor letra;
- Troféu Apparicio Silva Rillo: ao primeiro lugar.

2 Objetivos

O objetivo principal do radiodocumentário “Festival da Barranca: A Tradição do Nativismo” foi o de desvendar histórias sobre a Barranca que os participantes nunca tornaram públicas. Reavivar nos entrevistados o sentimento de como foi receber o convite para participar do evento pela primeira vez, e deixar clara a ideia do porquê as mulheres não podem participar do festival, também foram objetivos pretendidos.

Pretendeu-se ainda mostrar que, apesar dos anos passados, o festival da Barranca ainda continua encantando a geração de jovens e adultos, como forma de cativar a produção contínua de arte. Assim pensou-se em promover a disseminação da cultura, de forma a apresentar o festival da Barranca para a população que não o conhece, ou não sabe como o evento é organizado.

No que diz respeito às fontes de informação, privilegiou-se a percepção do festival a partir do ponto de vista de parentes e de artistas convidados. Assim, foram lembradas histórias marcantes na vida destas pessoas, que relataram sua íntima ligação com o festival da Barranca.

3 Justificativa

O trabalho foi desenvolvido em decorrência do festival da Barranca ser um evento com características únicas em todo o Brasil, e devido à exigência de que o tema para a produção em áudio deveria ser sobre algum acontecimento na cidade de São Borja. Outro fator relevante é a existência de poucos relatos aprofundados sobre o festival. As notícias publicadas em jornais da região e na internet informam sobre o fato, porém, não trazem algo novo e que desperte um interesse maior para o público. Poucos documentos possuem essa característica, e geralmente fazem parte do acervo pessoal de algum barranqueiro.

No radiodocumentário, buscou-se atentar o olhar para as histórias vividas no festival da Barranca, as especificidades e curiosidades, em torno do evento. Portanto, o trabalho é caracterizado por descrever, através do contexto histórico, as diferentes nuances de um festival que se tornou referência da música.



4 Métodos e técnicas utilizados

A produção do radiodocumentário se deu através da elaboração de um roteiro, que durante quinze dias passou pelo processo de criação, acompanhado pelo professor responsável pela disciplina de Radiojornalismo III. Após esta etapa, os integrantes do grupo distribuíram-se para agendar e realizar as entrevistas.

No momento em que todas as entrevistas foram finalizadas, o processo de produção do trabalho voltou-se para a redação, atentando para a narrativa que o radiodocumentário estabelecerá. Reuniram-se, então, os materiais disponíveis, decorrentes das entrevistas e pesquisas realizadas, e assim definiu-se o tom mais adequado à proposta.

O texto é conciso e, ao mesmo tempo, em que é combinado com as declarações dos entrevistados, como as de Aparício Silva Rillo Neto, que faz citações e canta versos sobre a Barranca neste caso, expressa emoções mais subjetivas ao ouvinte, desejáveis em um depoimento para este documentário. Palavras típicas do cotidiano do sul do Brasil também são encontradas em algumas frases do texto, objetivando aproximar a linguagem ao conteúdo e considerando o potencial do documentário enquanto acervo para a região. Os textos de passagem, entretanto, consideram sempre a necessidade de uma linguagem simples, porém clara, atentando para a inteligibilidade necessária à linguagem do veículo rádio.

McLeish (2001), em *Produção de Rádio: Um Guia abrangente de Produção Radiofônica* aborda a relação do tema no documentário radiofônico, que se torna mais interessante para o ouvinte a partir de características que o diferenciam de uma reportagem habitual.

A principal vantagem do documentário sobre a fala direta é tornar o tema mais interessante e mais vivo ao envolver um maior número de pessoas, de vozes e um tratamento de maior amplitude. É preciso entreter e ao mesmo tempo informar, esclarecer e também estimular novas ideias e interesses. (MCLEISH, 2001, p.193)

Desta forma, o radiodocumentário “Festival da Barranca: A Tradição do Nativismo” utiliza a técnica de McLeish (2001), ao fazer uma composição entre informação/entretenimento, quando descreve o festival da barranca desde sua origem (que privilegia elementos informativos), até as suas curiosidades, fatos inusitados, etc. (que dão destaque ao entretenimento).



Ademais, realizamos um comparativo entre a geração que participou dos primórdios do festival e a de jovens que há pouco tempo tiveram o privilégio de serem convidados para participar do evento. Pôde-se notar que não há nenhum tipo de influência na escolha dos convidados ao festival, mesmo se o credenciado tiver um grau de parentesco com algum Angüera ou com algum barranqueiro. Aquele que for convidado precisamente deve estar se destacando com alguma forma de manifestação artística na sociedade, e, assim como deve agregar conhecimento, também tem que repassá-lo.

5 Descrição do produto ou processo

O radiodocumentário tem três entrevistas captadas com um gravador estéreo mp3, e uma com um celular LG, modelo L1. As gravações não apresentaram problemas graves, e todas puderam ser utilizadas, de tal forma, que até o “soar de um grilo”, durante a entrevista do cantor Elton Saldanha, foi claramente percebido e se harmonizou com o contexto do produto radiofônico.

Já na entrevista do músico Flávio Campos Sartori, pode-se escutar o barulho de mãos batendo em cima de um balcão, o que representa o gesto de alguém tentando “quebrar ovos”, situação que o depoente descreve.

Káplun (1978), na obra *Producción de programas de Radio: El guion – la realización*, comenta o fato da sonoridade estar atrelada à uma melhor compreensão da informação de determinados ambientes, o que possibilita que o ouvinte escute um som relacionado a algo em uma entrevista, e se sinta em tal lugar. O autor classifica os sons em uma entrevista a partir da seguinte disposição:

É extrapolar o uso das entrevistas para provocar a imaginação do público sem, entretanto, abalar a credibilidade do programa: “Ouvimos o galope e vemos o cavalo, o ruído do trânsito nos põe em meio a uma artéria cheia de movimento, a sirene de um carro dos bombeiros e o crepitar do fogo nos leva a visualizar o incêndio” (KAPLÚN apud FERRARETO & KLÖKNER, 2010).

No entanto, a audição serve como a linha da imaginação, onde o ouvinte pode lembrar não somente de um lugar, mas também de fatos que já vivenciou consolidando uma paisagem sonora. O ruído está presente na natureza, mas também nas coisas criadas



e sentidas pelos homens, capazes de provocar fantasia como forma de visão interna (Kamper apud MENEZES & CARDOSO, 2012).

Durante a produção do radiodocumentário, foram feitas diversas pesquisas sobre o evento. Dentre matérias de jornais e buscas pela internet, materiais íntimos do acervo de Flávio Campos Sartori foram disponibilizados para a elaboração do produto radiofônico. Encontraram-se convites, poemas e poesias produzidas no festival, o que de certa forma ampliou a gama de informações, e colaborou de forma relevante para a criação do roteiro.

A narrativa textual está de acordo com a estrutura de texto para rádio, simples e direta. Objetivou-se ainda explicar o festival da Barranca com palavras do cotidiano, e que caracterizassem o evento como filho deste chão, nascido no sul do Brasil e mantido por mais de quarenta anos.

A edição do radiodocumentário foi realizada no programa Audacity, versão 2.0.5. O produto radiofônico tem como música de abertura “Eu e o Rio” de Antônio Augusto Fagundes, vencedora do 1º festival da Barranca. “Tio Manduca Pescador”, “Água, caminho e vida”, “E assim foi combinado”, foram encontradas no CD duplo, Festival da Barranca – As vencedoras das 31 Edições. “Pé no Estribo” de Elton Saldanha, foi retirada do LP/CD Cavaleiros da Paz.

6 Considerações

A produção deste trabalho teve como intuito primordial desvendar o festival da Barranca e informar a população sobre o que acontece nos quatro dias em que os artistas participantes se isolam da cidade e partem para a beira do rio Uruguai com um único propósito: compor canções, poemas, poesias, além de participarem de outras expressões culturais.

O resgate de histórias contadas pelos entrevistados propiciou realizar uma boa apuração das informações coletadas, e, além disso, mostrou a nós acadêmicos que somos capazes de idealizar um projeto jornalístico complexo e conquistar a confiança das fontes. As dificuldades existiram, porém, de acordo com o domínio do tema, foram diminuindo.

Dentre as experiências adquiridas ao trabalhar com este tema de grande relevância no estado do Rio Grande do Sul, está em primeiro lugar a de perceber a preservação de uma significativa manifestação cultural por mais de quatro décadas. “Eu



diria que uma das maiores referências de cultura da América Latina que eu conheço é o festival da Barranca em São Borja”, ressaltou o cantor Elton Saldanha durante a entrevista.

Desta forma, o projeto experimental radiodocumentário “Festival da Barranca: A Tradição do Nativismo” desmistifica as histórias de senso comum sobre o evento e traz os relatos verdadeiros sobre o que lá acontece. O ouvinte irá entender o porquê de mulheres não poderem entrar no acampamento, poderá rir com histórias inusitadas e provavelmente se emocionar com o canto ao Generoso no final.

Referências

FERRARETO, Luiz Artur & KLÖKNER, Luciano. **E o rádio? Novos horizontes midiáticos**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2010.

MCLEISH, Robert: **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

BARBEIRO, Heródoto. **Manual do Radiojornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

MENEZES, José Eugênio de O. & CARDOSO, Marcelo. **Comunicação e cultura do ouvir**. São Paulo: Plêiade, 2012.

SALDANHA, Benício Escobar. **Elton Benício Escobar Saldanha**: depoimento [out. 2014]. Entrevistadora: F. Zemolin. Itaquí: Expofeira, 2014.